

CENAS DE DISSENSO

REIVINDICAÇÃO E VIRTUALIZAÇÃO URBANA

PESQUISA

Como funcionam os "espaços públicos" e como captamos os diferentes signos presentes neles? O que de fato permite, ou não, ao público se apropriar, ocupar, agir, se locomover e permanecer? O que faz sentirmos pertencimento e abertura para colocar em prática nossos desejos coletivos e individuais? Como se distribuem, na cidade, as pessoas, segundo as classes e os níveis de renda? Como reivindicar esses espaços? Como a arte contemporânea e as novas tecnologias influenciam também nas questões levantadas? Como podem interagir com a produção da cidade e serem geradores de uma cartilha política do sensível?

Foram muitas as perguntas que me instigaram desde o início da faculdade. Nesse último ano da graduação, por meio do meu Trabalho de Conclusão de Curso, me dediquei a buscar por diferentes autores e bibliografias com o intuito de conhecê-los. Grande parte dessas questões não foram sanadas com esse trabalho, mas, definitivamente, foi a porta de entrada para um mundo dissensual de interesses sobre a cidade, espaço público, corpos, arte e tecnologias que fazem (e ainda farão) parte do meu processo de pesquisa. No site que desenvolvi para apresentar meu TCC (www.cenasdedissenso.com), convido vocês a entrarem nesse mundo dissensual e fazerem suas próprias conexões entre os assuntos trazidos de forma rizomática. Com o intuito de reduzir a parte teórica para este modelo de exposição, explicarei brevemente do que se trata cada eixo, tentando não comprometer o entendimento de extensa pesquisa que foi desenvolvida.

Boas abduções!

REIVINDICAÇÃO

O ato de reivindicar, para mim, está muito baseado no que a filósofa Isabelle Stengers acredita significar no reclaim. Para ela, reivindicar algo de que fomos separados não significa reconquistá-lo da forma que era antes, mas regenerar a partir da própria separação, aprendendo o que é necessário para habitá-lo novamente e curar o que está envenenado. Para continuar a análise dessa potente ação no âmbito da cidade, o artigo Reivindicar a cidade sem forma, do arquiteto e professor Otávio Leonidio, é também uma referência. Fazendo uma analogia também aos tipos de partilha política do sensível de Jacques Rancière, a cidade com forma seria aquela na qual um corpo específico é requisitado de acordo com suas leis e sistemas, já a cidade sem forma parte da reivindicação por um corpo alternativo. Reivindico esse espaço definidor de um público socialmente, etnicamente e politicamente excluído e supressor do ato de ocupar. Pensando nesse verbo, nesse ato no contexto do nosso país, trago dois audiovisuais: *Chega de fu fu e Espero tua (re)volta*.

CONTRACARTOGRAFIA

Ao contrário do que muitos acreditam, um mapa não é uma imagem objetiva e neutra do mundo, eles carregam erros, omissões, pontos de vistas e valores, se tornando o ato de mapear, um processo político atrelado a relações de poder e ideologias. Além de poder apagar e distorcer a realidade, os mapas também têm o poder de preceder e produzir os territórios. No século passado, o inglês John Brian Harley, instaura a "cartografia pós-representacional", por explorar a cartografia por uma perspectiva relacional, retratando inúmeros processos em andamento. A partir desse período, os mapas passam a servir também como instrumentos para a construção de contra-narrativas, de contra-mapas e de contra-condutas pois propõem formas alternativas de subverter as ferramentas cartográficas a favor de práticas coletivas. Essas práticas dissensuais foram denominadas de contracartografias já que se reapropriam criticamente do mapa e se opõem ao consenso do modelo tradicional ditado por grupos específicos e privilegiados. De acordo com André Mesquita: "Sua prática é tanto uma crítica de como os mapas funcionam, como um meio de gerar novas modalidades de pesquisa, colaboração e organização." Essa prática já é muito utilizada atualmente por artistas para fazer novas experimentações estéticas e ações políticas na página do meu site dedicada a esse eixo da pesquisa, trago inúmeros exemplos de contracartografias.

REPROGRAMAÇÃO

Como potencializar o uso crítico e criativo da tecnologia? Começo esse eixo com este questionamento trabalhado pela professora Giselle Beiguelman que, considerando os movimentos sociais no espaço público virtual da sociedade em rede, acredita que uma mudança social demande a reprogramação das redes de comunicação. Assim como o professor brasileiro, Arlindo Machado, Beiguelman também acredita que o artista deve levar seu trabalho ao "esgotamento do programa", buscando interferir na própria lógica das máquinas e dos processos tecnológicos. A partir desse "esgotamento", eles deixariam de ser meros funcionários de seus equipamentos programados a partir dos objetivos da produtividade da sociedade tecnológica. Eles proporiam uma "contaminação interna", distorcendo suas funções simbólicas e as obrigando a funcionar fora de seus parâmetros conhecidos. Trago como exemplo dessa "reprogramação" os artistas Krzysztof Wodiczko e Antoni Abad.

MONTAGEM

A montagem, muito utilizada por Aby Warburg, pode ser considerada uma forma de conhecimento e, foi a partir dela e do rizoma, que desenvolvi a linha da minha pesquisa e o resto do trabalho. Diferentemente de um estilo argumentativo linear, ela constitui-se por uma forma aberta de conhecimento processual que permite associações, choques, tensões, relações inesperadas, deslocamentos, rupturas, descontinuidades e anacronismos que dão um caráter de transformação permanente do processo, sem um resultado final fixo. Continuando o contraponto ao modelo de pensamento linear e cronológico, temos o rizoma, definido e discutido pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari. Este, como as montagens, não se fecha sobre si, é como um mapa que se espalha em todas as direções, se abre e se fecha, se constrói e descontrói, cresce onde há espaço e possibilidades.

SEMIÓTICA

A semiótica e a estética foram o embrião da pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Quis, portanto, trazer para este eixo, de uma forma bem simples e resumida, o que abrange o processo de semióse, pois assim podemos entender como processos o que existe no ambiente urbano e como o experienciamos. Aqui eu trato sobre o signo, a semióse, a cidade como experiência, sobre a lógica, percepção, repertório, hábitos de sentir e objeto dinâmico e objeto imediato.

ESPAÇO PÚBLICO

Para falar de espaço público, comecei abordando toda a crise atual que circunda o seu conceito. O arquiteto Adrián Gorelik expõe em seu texto *O romance do espaço público*, como esse termo se tornou, a partir dos anos 80, uma "cabeça-ponte", por ser tratado como um conceito óbvio e evidente sem ser tematizado, convertendo-se, portanto, em um fetiche. Já a historiadora e crítica de arte Rosalyn Deutsche tem uma abordagem "Arendtiana", teorizada por Gorelik, na qual esse espaço representaria a Ágora da pólis clássica, ou seja, é o espaço da ação política, do lugar do encontro com o outro para a construção da diferença, entrando assim, em diálogo com Claire Bishop e Rosalyn Deutsche – trazidas no eixo "participação". Minha pesquisa por espaço público se transforma, então, em entender a política do espaço, focando nas barreiras e dificuldades de acesso que limitam o direito à cidade por todos. São muitas as formas que indivíduos, sobretudo periféricos, elaboram para saltar as escalas, construir suas territorialidades e seus agenciamentos, burlando muitas barreiras materiais e simbólicas que se impõem sobre seus espaços de vida. Essas lutas têm a ver com a ideia de adquirir capital espacial, que lhes permitam caminhar formas de mobilidade e acessos na cidade. Muitas vezes, as maneiras encontradas de burlar essas barreiras se concretiza por meio da violência, por isso, anexo a essa parte da minha pesquisa o filme *O Ódio*.

SUJEITO POLÍTICO

A construção do entendimento do que é um sujeito político nesse eixo, se desenvolve a partir do filósofo Jacques Rancière. Começando pela identificação de dois tipos de partilha do sensível, a partilha policial – configura uma ordem determinante e limitante para cada sujeito – e a partilha política – que a partir da emancipação do espectador promove rupturas e questiona o consensual, chega-se nas cenas de dissenso. Estas, dando nome ao título do meu trabalho, são as cenas na qual há a partilha política do sensível e na qual corpos são libertados de qualquer redução à sua funcionalidade ganhando rostos, ou seja, se tornando sujeitos políticos. Outras questões complementares também são abordadas como a política da arte e a subjetivação política.

PARTICIPAÇÃO

Não temos como tratar do tema da participação no campo da arte sem trazer a estética relacional de Nicolas Bourriaud, concordando ou discordando de sua teoria, ela foi muito influente na década de 80. A arte relacional, para ele, toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social, negociando relações abertas do espectador dentro da experiência estética. Entretanto, o que a historiadora de arte, Claire Bishop, critica na estética relacional de Bourriaud, é que essas obras, embora afirmem se submeter ao seu contexto, não questionam sua imbricação dentro dele e nem a qualidade das relações que estão sendo geradas. Além disso, essas relações geradas são fundamentalmente harmoniosas, já que se dirigem a uma comunidade de sujeitos com algo em comum, enquanto Bishop, assim como Rosalyn Deutsche, defendem que uma sociedade democrática é aquela em que as relações de conflito são mantidas e não apagadas. Pensando no conflito como base de uma sociedade democrática, trago como exemplo as performances do artista Santiago Sierra.

VIRTUAL

Nesse eixo abordo o tema do virtual considerando sua importância como base de entendimento para o resto do desenvolvimento da pesquisa. Entender o virtual como um estado onde alguma coisa está dotada de força e potencial para passar para um estado diferente, é imprescindível. Abordo também a diferenciação entre o atual e o virtual, o conceito de virtualização segundo Pieter Juij e a questão da des territorialização e multiplicação de espaços e temporalidades.

ANTI PROJETO

Identifico meu Trabalho de Conclusão de Curso como um antiprojeto – o prefixo anti tem origem grega e significa "do lado contrário" sendo utilizado na língua portuguesa para expressar a ideia de oposição, de contradição – já que, seu desenvolvimento, se opõe justamente ao que entendemos como as etapas e o planejamento de um projeto, principalmente dentro da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Meu pensamento não parte, e nem se desenvolve, por uma linha cronológica e metodológica tipicamente acadêmica na qual existe um início, meio e um fim bem resolvido. Meu trabalho termina no meio – ele foi e ainda será de resoluções e dissoluções, sem a pretensão de um final absoluto. Isso se reflete também na maneira como eu procuro apresentar o conteúdo para os visitantes do site: de uma forma que elas consigam construir suas próprias conexões, fazer suas próprias abduções e, caso sintam-se à vontade, contribuam também.

Recentemente li uma parte do livro *Another Science is Possible: A Manifesto for Slow Science*, da filósofa belga Isabelle Stengers, que corrobora perfeitamente com minha ideia do que seria um antiprojeto. É uma reivindicação, no caso de Stengers, ela reivindica por uma "desaceleração" da ciência, condição esta necessária para pensar com abstrações em vez de obedecer a ciência "hábida" atual, que impõe certos sistemas de operação e reprime a imaginação. Essa recuperação da pesquisa científica para ela, significa reinserir as ciências em um mundo contínuo que escape a categorias gerais já pré-estabelecidas e em que cada cientista deva inventar seus próprios meios.

Fiquei alguns dias refletindo sobre uma pergunta que me parece uma das principais para o entendimento desse antiprojeto: como eu cheguei ao dissenso? Hoje depois que, com certeza, foi pelo consenso. Como Otávio Leonidio disse em seu texto *Reivindicar a Cidade sem Forma*, só se chega na cidade sem forma por meio da cidade como forma. Ou seja, desde o que o dissenso não promove apenas a revolta ou um conflito visto como "ruim". O dissenso no espaço público, físico ou virtual, é tanto o teatro de conflitos que desvela o que é reprimido para sustentar uma falsa harmonia, quanto o lugar da possibilidade de soluções que surgem desse desvelamento. Ele possui uma virtualidade que o consenso, a meu ver, é limitante.

Partindo desse princípio de dissenso, a primeira intenção do meu antiprojeto era criar um site para expor, de maneira sintética, meus eixos de pesquisa para serem explorados por quem se interessasse pelos assuntos, de uma maneira não conclusiva. Essa parte já pôde ser concretizada no meu site. Minha segunda intenção era que esse espaço público do site pudesse de alguma forma concretizar a minha pesquisa e se tornasse uma articulação do espaço público físico, no qual fossem exploradas as suas virtualidades. Portanto, minha meta final nesse prazo limitante do TCC foi desenvolver a proposta de uma prática de reivindicação que acontecesse no espaço virtual onde a cidade, sem forma, começasse a aparecer e, assim também, a partilha política do sensível.

PRÁTICA

FUNCIONAMENTO DO "JOGO"

Mais detalhes em: <https://www.cenasdedissenso.com/pratica>

ESPAÇO CONTRACARTOGRÁFICO

- Cada contracartografia virtual será uma articulação de um espaço físico "X" da cidade.
- Para cada local haverá uma página diferente no site ou no aplicativo destinada à montagem da contracartografia.

COMO FAZER PARTE

- A partir da leitura de um QR-Code, inserido em cada espaço físico "X" da cidade.
- Por meio da geolocalização que, ao passar pelo espaço físico "X", lança notificações nos smartphones das pessoas que frequentam ou passam por aquele local.

PRIMEIRO PASSO

Responder um questionário inicial para entender que tipo de deslocamento aquela pessoa tem usualmente na cidade, assim como sua relação com o espaço público "X" e seus desejos em relação a ele. Algumas considerações que podem ser feitas estão no site.

SEGUNDO PASSO

O segundo passo será uma forma mais "livre" que o primeiro, na qual o indivíduo pode incluir alguma mídia ou escrever um pequeno texto, que resuma ou represente alguma das perguntas levantadas no questionário. Exemplos: sua frequência ou não frequência naquele espaço "X", o que ele é para você, o que o impede de utilizá-lo, sua mobilidade pela cidade.

FORMAÇÃO DA CONTRACARTOGRAFIA

Por meio de uma programação feita para essa contracartografia, instantaneamente os dados coletados de cada nova pessoa promoverão um novo rearranjo cartográfico no mapa, de forma que pessoas de diferentes contextos, frequência no local "X" e deslocamentos pela cidade, entrem em contato umas com as outras. Como nas performances e instalações do artista Santiago Sierra e no antagonismo relacional de Laclau e Mouffe, essas associações improváveis criam nexos inesperados, talvez choques entre realidades diferentes, causando estranhamento, desconforto e, assim, gerariam cenas de dissenso e evidenciariam algumas tensões existentes ou apagadas desse lugar "X" físico da cidade.

COMO/EXEMPLO

1. Usarei como exemplo o Jardim de Alah, na divisa entre os bairros do Ladoim e Ipanema. Um "espaço público" que já foi meu objeto de estudo e projeto anteriormente e, portanto, o qual eu já conheço parte de sua dinâmica.



2. Ao clicar no recorte, será mostrado seu verso (representado pelos quadrados brancos), conteúdo a mídia ou o texto que cada pessoa escolheu incluir no site/aplicativo.



2. Considerarei 22 pessoas "fictícias" que entrarão no espaço virtual da contracartografia do Jardim de Alah. Assim, um recorte da cartografia "fictícia" (conhecida por todos), considerando a localização da residência de uma pessoa, irá clicar de lugar com o recorte cartográfico da residência de outra pessoa e, então, ficarão "conectadas" por uma linha que evidencia essa troca.



4. Ao clicar na linha que conecta os indivíduos, aparecerão suas informações preenchidas no primeiro passo. Além disso, também será visualizada uma nova linha de conexão entre elas, não mais "reta" e sim conectadas pelo ponto do espaço físico "X" em questão, mostrando o percurso de transporte público que elas terão que fazer, de acordo com o google maps, para chegar até esse ponto do espaço público.



- Novos agenciamentos serão feitos em um espaço de tempo determinado, de forma que sempre haverá associações diferentes e realocação de novos indivíduos no espaço contracartográfico.
- A cada novo rearranjo as pessoas receberão uma notificação por e-mail ou pelo app, para que, caso se interessem, visam qual é o novo indivíduo que ela foi conectada.
- É importante dizer que é inútil tentar adivinhar como essa contracartografia ficará visivelmente, pois, antes de tudo, assim como a montagem de Parisi Beransten, ela estará em constante mudança e não apresentará uma resolução final fixa.

CAPITAL ESPACIAL ADQUIRIDO

Estes agenciamentos, além de promoverem a contracartografia, no espaço virtual, se articulariam também para o espaço físico em questão. A partir de parâmetros utilizando o questionário inicial, cada pessoa terá o que poderia ser chamado de "capital espacial adquirido". Essa espécie de "pontuação" funcionaria como forma de permitir que esses corpos possam, mesmo que de uma forma ainda simples, redesenhar a cidade física e redefinir seus sistemas e padrões. Alguns parâmetros que podem ser considerados estão no site.

NOVO JOGO DE PODERES

Mas que tipo de ação esse capital espacial permitirá no espaço físico? Poderá estar atrelado a políticas públicas, com dar maior voz em assembleias e decisões que envolvam o espaço urbano, por exemplo, maior poder de decisão dos locais de direcionamento de verba para infraestrutura e mobilidade pública. Ou poderia ser uma atuação mais local, referente ao espaço físico "X" da cidade em questão, na contracartografia, como ter um maior poder de decisão e atuação sobre aquele espaço, de forma a quebrar certas barreiras socioespaciais existentes. Essa articulação dos dados e agenciamentos da contracartografia para o espaço físico urbano ainda é hipotética e, mais uma vez, não busco resolver todas as questões que englobam o direito à cidade. Entretanto, seria um ótimo ponto de partida para entrarmos nesse espaço dissensual das contracartografias e imaginarmos outras formas de distribuição de poderes para quem sabe um dia, isso de fato poder ser aplicável no espaço físico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://www.cenasdedissenso.com>

*Cada eixo da pesquisa contém sua referência bibliográfica no final da página.